

JORNAL: *Jornal do Comércio* LOCAL: *Quamabara*

DATA: *04/10/1965* AUTOR: *Miranda Netto*

TÍTULO: *Pintores Cariocas*

ASSUNTO: *Miranda Netto em leilão de arte*

estabelece relação: arte - época.

Folhetim do «JORNAL DO COMMERCIO»

DOMINGO, 4 DE ABRIL DE 1965

PINTORES CARIOCAS

O ano do Centenário está oferecendo ao amador de artes plásticas uma série de exposições bastante interessantes. Agora, mesmo temos, na galeria do IBEU, em Copacabana, um grupo de artistas cariocas, na Galeria Bonino a Via Sacra de Emeric Mercier e no Museu de Arte Moderna uma exposição em que se destaca Ivan Serpa em sua nova maneira.

Como afirmei domingo passado um novo salto se está rapidamente preparando. O conceito "novo" de beleza, que se limitava a alguns grupos de vanguarda começou a invadir todos os seiores e a informar, definitivamente, a vida contemporânea. A entrada se fez, discretamente, através da arte decorativa. Muita gente que não admitiria nem por sonhos a presença de uma pintura ou de uma escultura moderna em suas casas, ostentava com orgulho tapetes, vasos, cortinas estampadas e móveis muito mais ousados do que os quadros ou estátuas renegadas com tanto vigor. Qual a causa disso? Justamente a idéia de que a arte pura "deve" ser alguma coisa que obedeça aos cânones eternos. Não se lembravam de que as formas fundamentais vão mudando e o escândalo causado pelas novidades se vai amortecendo até que o mais ousado se transforme em clássico e surja outra forma de ousar.

Ao entrar, terça-feira, na Exposição dos Artistas Cariocas, organizada por Matilde Pereira de Souza com o carinho e "savoir faire" que a caracterizam deparei com um magnífico exemplar de arte moderna, não nas paredes iluminadas, mas andando pelo salão. Uma jovem ostentava, em torno dos olhos claríssimos verdadeira máscara composta ao jeito dos antigos

egípcios tudo realçado por um penteado que deixava os negros cabelos caírem desordenadamente em torno de uma risca central. Quando digo desordenadamente não quero referir-me à desordem do acaso, que por vezes o vento imprime a uma cabeleira. Quero notar, isso sim, o trabalho de monge beneditino dos modernos Figaros femininos, que já não tramam de enganar o Doutor Bartolo mas de descobrir matemáticas finíssimas para a desordenação das madeixas, geométricas quase que não euclidianas.

Registro esse pequeno acontecimento para-estético da Exposição como sintoma. Veja-se a maquiagem e a atitude dos modelos. Quando ousaria um modelo, já não digo da Belle Epoque, mas da época de entre guerras, tomar essas atitudes de marionete, pernas muito abertas, fisionomia fixada em um rictus inexplicável que tem algo da expressão dos paranoicos ou dos dementes precoces. E o melhor é que as damas, que figuram nas grandes listas dos colonistas em voga, não raro também adotam tais ares e posturas.

Quando se nota essa correlação, quase total, entre a moda e o que vai pela arte de vanguarda, então pode afirmar-se que estamos preparados para o grande salto.

Será isso questão de estrutura política? Questão de filosofia ou de conceito de vida? A isso se poderá objetar que, nos próprios países da chamada cortina vemos, de um lado, o "realismo socialista" da União Soviética, preso ainda às fórmulas do tardio novecentos, de outro a ousada arte de vanguarda da Polónia, que também é terra comunista.

Não vou indagar causas nem da filosofia desse fenômeno desnordeante. Registro apenas que na Exposição do IBEU havia algumas "espectadoras" muito mais "modernas" que os quadros da exposição. Ao que parece também o bisturi dos cirurgiões plásticos colabora para a criação de um "tipo" com características dominantes, entre as quais está o mongolismo nos olhos. Justamente o contrário do que acontece no Japão, onde as damas fazem fila no consultório de artistas especializados em "ocidentalizar", em poucos minutos, os olhos de amêndoa das Cio-Cio-San.

A exposição do IBEU apresentou quinze artistas: pintura,

desenho e gravura. Todos com obras filiadas a uma forma mais ou menos tradicional. Tradicional dentro dos cânones da arte moderna, é claro. Pouco abstracionismo ou para ser mais preciso, um abstracionista puro apenas, menos de sete por cento no total da exposição. Campos Mello é o artista fiel a um estilo (digamos assim na falta de melhor palavra) que está passando de moda. Aos que me consta estudou em Paris com Maurice Brianchon, que não é dos pintores mais interessantes que conheço. Roland Oudot, Brianchon e Christian Bérard não podem comparar-se com Maurice Esteve, ou Edouard Pignon, ou até mesmo com o cabotiníssimo Georges Mathieu, que começa a ser menos citado pela crítica. São, por assim dizer de um segundo time e Campos Mello é melhor que o mestre.

O abstracionismo puro, seja qual for o adjetivo que o orne, já tem muito pouco a dizer. Foi um ariete, ou melhor um bulldozer que derrubou flores, as mal assombradas. A missão es á cumprida e o bulldozer deve ceder o lugar as turmas de consruição, que já estão agindo.

Convém aliás recordar que a palavra bulldozer, em inglês tem dois sentidos. O de trator poderoso, com a lâmina destruidora que vai derrubando tudo, e o de pessoa que intimida pela valentia e pelos modos arrogantes. O abstracionismo representou os dois papéis, o de nivelador e o de papão, e muitos críticos tinham medo de fazer observações restritivas, mesmo diante de quadros que, evidentemente, pouco valor possuíam. O que não quer dizer — entenda-se bem — que o abstracionismo não nos tenha dado obras primas, eternas, dignas de figurarem para sempre em museus. Mas não tão frequentes como se poderia imaginar.

A exposição do IBEU nos mostra dois quadros de Emiliano Di Cavalcanti. A arte insuperável de Di, nas suas mulatas, continua a afirmar-se na sereia, deitada em um divan, envolta em rédeas. A deusa do mar e a natureza morta, com bananas, são obras deliriosas. A arte de Di Cavalcanti, embora requintada, aparenta-se, de certo modo, à ingenuidade dos primitivos. Esta aparece, em estado puro, nos quadros de Carlos Coelho Lourada. Lembro-me de um de seus primeiros

trabalhos, que vi haverá cinco anos em casa de um amigo. Representava uma espécie de revolta de presos e viam-se os detentos em luta com os soldados, tudo em um plano despojado, simples, quase infantil, em que os muros representavam um grande papel. Louzada amadureceu e hoje deve ser considerado como um dos melhores pintores do gênero no Brasil. Ivan Morais está na mesma linha, mais rebuscado e menos espontâneo.

Curiosos são os quadros de César Antônio Elias. Dizem-me que se trata de um médico, que faz pintura para espalhar. Pesquisa muito e está adquirindo maneira bastante curiosa, se é que posso julgar a sua obra pelos dois quadros que apresenta. Cores muito escuras, terras densas, conseguindo com elas uma impressão de sonho e de irreal. Um dos quadros consiste apenas em um fundo de siena queimada, sobre o qual há um horizonte de palissadas negras. Casas? Florestas? Costa de mar em rochedos? Tudo pode ser. A indicação é poderosa e flutua entre o abstrato, diria melhor o onírico informal, e a representação de um real vivido e sentido. Tomem nota desse nome.

Entre os desenhos notam-se os de uma artista possuidora de excelente traço. Euridyce Bressane. Não sei porque deslocou ela o y do nome, mas suponho que para evitar o sentido grego da palavra Eurydike, que desmentiria a sua maneira de desenhar. Pois ao contrário do significado no nome, desenha com a precisão maneirística da Belle Epoque. Um Beardsley ingênuo, sem a extrema descarga erótica do inglês, mas com a caprichosa trama de linhas que o caracteriza, com a precisa virtuosidade do traço.

Outra desenhista, Rita Rosenmeyer, puro arabesco, despojado e fino. Penso em Matisse, ao ver suas figuras.

Desejo falar minuciosamente de Ivan Serpa, plenamente amadurecido em sua nova fase e de uma jovem pintora, Helena Maria Beltrão de Barros, talento que surge, com grande força. Mas isso ficará para o próximo domingo. Antes de encerrar o Folhetim, aqui deixo o meu agradecimento a Gilberto Trompowski, pelas referências que fez a meus tempo cronista.

MIRANDA NETTO